

GT69: Regimes de alteridade e construção de antropologias nacionais: Um exercício de antropologia histórica

João Pacheco de Oliveira, Stephen G. Baines

Este GT propõe como tema o encontro entre duas áreas de investigação que tem operado de forma independente. O estudo das identidades tem sido em geral associado à modos de dominação, processos econômicos e políticos, formas religiosas e mágicas com seus reflexos em ontologias próprias. Por sua vez a construção de antropologias é narrada usualmente como um capítulo da história das ciências, algo universal que se desloca no tempo e no espaço somente com alterações exteriores. Enquanto o primeiro parece assentado na escala nacional, a segunda é claramente transnacional. Se focalizarmos tais assuntos em sua íntima interrelação, iremos descobrir novos sentidos e potentes dinamismos. Os regimes de alteridade são produtos de um saber erudito, embasados em teorias científicas e representações artísticas, as quais legitimam igualmente as políticas públicas setoriais. A antropologia, pelos temas que trata, tem raízes e aplicabilidade social maior que outras disciplinas, sendo analiticamente instigante concebê-la não apenas como produto final (tese/livro), mas como resultado de múltiplas constrições que regulam a possibilidade das pesquisas, determinam a estrutura da situação etnográfica e controlam a circulação e uso dos seus produtos. Ao invés da normatividade de paradigmas científicos, ela se desvendará como artefato social e histórico permeado por regimes de alteridade. Explorar em termos etnográficos a interrelação entre estas duas áreas de pesquisa é o objetivo deste GT.

A polissemia dos "grandes projetos de desenvolvimento": o que dizem indígenas Tentehar?

Autoria: Anderson Augusto Mota Serra, Elizabeth Maria Beserra Coelho

Pretendo fazer uma reflexão a partir das experiências de vida e dos discursos produzidos por indígenas do povo Tentehar, nos últimos anos, sobre o que consideram "grandes projetos de desenvolvimento" situados em terras ocupadas por eles na Amazônia maranhense. Até a década de 1960, no Maranhão, a implantação de grandes projetos de desenvolvimento envolvia empreendimentos como rodovias e hidrelétricas (COELHO, 1986; 1987; 2014). Posteriormente, entre as décadas de 1970 e 1980, a mineradora Vale iniciou a instalação da Estrada de Ferro Carajás (EFC), ligada ao Programa Grande Carajás (PGC), através da construção de 892Km de trilhos ferroviários para realizar o transporte de minérios explorados na Serra dos Carajás, localizada no Sudeste do Estado do Pará, até o Porto do Itaqui, na cidade maranhense de São Luís. A implantação da EFC foi responsável por desencadear, nas últimas décadas, a atração de produtores rurais provenientes do Sul e Sudeste do Brasil, vinculados ao agronegócio, que se estabeleceram na região Sul do Estado (SERRA, 2021). Essas breves considerações são necessárias para situarmos o avanço dos grandes projetos de desenvolvimento, no Maranhão, no contexto mais amplo de expansão espacial do capitalismo na Amazônia brasileira, nos moldes colocados por Silva & Sobreiro (2018), e suas consequências nocivas para sobrevivência dos povos indígenas e biodiversidade não-humana. Por volta de 2019 a 2020, vivenciei experiências junto a três Tentehar, situados nas TI Araribóia, Rio Pindaré e Canabrava/Guajajara. Ao me aproximar deles, minha primeira abordagem foi direcionada pela indagação acerca do que chamam "grandes projetos de desenvolvimento". O diálogo estabelecido com eles poderia ser definido, segundo Cardoso de Oliveira (2001), como um "diálogo intolerante", caracterizado por uma lacuna semântica. Um deles, ressalta os efeitos negativos do que considera grandes projetos de desenvolvimento e a outra interlocutora aponta para uma concepção positiva, que desenha grandes projetos como algo produzido por indígenas, para indígenas. Um dos interlocutores assume os dois posicionamentos fazendo uso de uma classificação que distingue grandes projetos elaborados por indígenas de grandes projetos feitos por brasileiros. Os discursos

construídos sobre projetos e suas repercussões foram analisados na perspectiva do Olhar, Ouvir, Escrever (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996) - como três etapas estratégicas do métier do antropólogo. De posse dos dados construídos, analisei os discursos, considerando a necessidade de examinar a parte que cabe às palavras na construção das "coisas sociais" e tomar como objeto de discussão saberes produzidos pelos Tentehar a partir de suas próprias experiências de vida.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

